



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA - UEPB
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDUC
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES - DLA
CURSO DE LETRAS**

MIRNA SPINELLI DE OLIVEIRA

DOM CASMURRO E O TRABALHO IMATERIAL DE CAPITU

CAMPINA GRANDE – PB

2017

MIRNA SPINELLI DE OLIVEIRA

DOM CASMURRO E O TRABALHO IMATERIAL DE CAPITU

Trabalho de Conclusão de Curso - Artigo Científico, apresentado a Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento às exigências para a conclusão do curso.

Orientador: Prof. Dr. Luciano Barbosa Justino

CAMPINA GRANDE – PB

2017

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

M48d Oliveira, Mirna Spinelli de
Dom Casmurro e o trabalho imaterial de Capitu [manuscrito] /
Mirna Spinelli de Oliveira. - 2017.
18 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras
Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Educação, 2017.
"Orientação: Prof. Dr. Luciano Barbosa Justino,
Departamento de Letras e Artes".

1. Capitalismo cognitivo 2. Trabalho imaterial 3.
Patriarcalismo I. Título.

21. ed. CDD 330.122

MIRNA SPINELLI DE OLIVEIRA

DOM CASMURRO E O TRABALHO IMATERIAL DE CAPITU

Artigo científico apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso em Licenciatura Plena em Letras, da Universidade Estadual da Paraíba, Campus I, como requisito parcial à obtenção do título de Graduada em Letras – Língua Portuguesa.

Área de Concentração: Textos e Discursos

Aprovada em: 15/07/2017.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Luciano Barbosa Justino (Orientador)

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof.ª Dra. Ana Lucia Maria de Souza Neves

Universidade Estadual da Paraíba- (UEPB)



Prof. Dr. Anacã Rupert Moreira Cruz e Costa Agra

Universidade Estadual da Paraíba- (UEPB)

AGRADECIMENTOS

A minha mãe que todas as noites ficou com minha filha para que eu pudesse ir à universidade e muitas destas noites ficava observando da janela minha chegada com segurança. Ao meu amado pai que, mesmo não fazendo mais parte deste plano, sempre esteve em meus pensamentos e de forma direta estimulou meu percurso acadêmico.

A minha avó, Anita, que se estivesse entre nós, estaria orgulhosa, vendo a sua neta “rebelde” conquistar esse título.

As minhas irmãs Magge e Mellissa por terem acreditado em mim.

Aos meus amigos da graduação, Fabiano Diniz, Gilson Gonzaga e Cleyson Rodrigues, sem eles a trajetória acadêmica teria sido mais difícil.

Ao meu grande amigo Gladstone Bezerra que muitas vezes suportou meus estresses e me ajudou em todos os momentos com impressões e formatações.

Ao meu orientador, Luciano Justino, por toda a dedicação e paciência em minha caminhada como pesquisadora iniciante, por suas orientações e “puxadas de orelha”, por ter sido mais do que um orientador, mas um amigo.

Finalmente, o agradecimento mais especial, a uma pessoa que ainda é muito jovem para compreender toda a minha ausência. A minha filha Maria Laura, dedico este trabalho, afinal, ela foi quem mais sentiu minha falta durante a construção do mesmo e também ao longo de toda a universidade. Tantos momentos que necessitou da minha atenção, e infelizmente eu não podia. Ainda assim, foi a minha maior companheira, e é por ela que fui perseverante mesmo com tantas adversidades. Agradeço a minha menina por tudo, pelo carinho e principalmente por ter a dádiva de ser sua mãe. Querida filha, isso é por nós, mas principalmente por você, pois o amor que sinto por ti não conhece nenhuma barreira. Amo você, minha Maria.

Sumário

1.	Introdução.....	6
2.	Trabalho imaterial.....	8
3.	O século XIX das mulheres.....	10
4.	O Trabalho imaterial de Capitu.....	12
5.	Considerações finais.....	16
	Referências.....	18

Resumo:

Este artigo tem como premissa ser o trabalho com a linguagem da personagem machadiana Capitu ser antecipador das novas relações de produção no capitalismo contemporâneo, chamado por muitos de seus analistas de capitalismo cognitivo, no qual o saber técnico não mais se dissocia da produção de afetos, discursos e fluxos informacionais, trabalho material de trabalho imaterial. Capitu engendra a construção linguageira mediante a prática do trabalho imaterial como *modus operandi* crítico, desconstrutor, das relações patriarcais no Brasil do século XIX. Capitu torna-se referência para a construção da mulher modificadora da sua condição inferior, submete o discurso patriarcal a uma constante cisão através de sua capacidade de negociar, convencer, influenciar, dissuadir o círculo social brasileiro da época e sua ordem discursiva. Para tanto, inicialmente buscamos observar o enlace entre as mudanças contemporâneas que levam ao chamado capitalismo cognitivo com os papéis sociais reservados às mulheres no século passado, com o fim de mostrar como Capitu se situa no seu tempo a partir de um fora, de um não-lugar. Por fim, como culminância, analisamos vários momentos do romance machadiano em que Capitu engendra seu trabalho imaterial como ruptura de classe e gênero, no Brasil do século e após.

Palavras-chave: Capitu. Capitalismo cognitivo. Trabalho Imaterial. Patriarcalismo.

1. Introdução

A reflexão não era coisa rara nela

Bentinho em *Dom Casmurro*

Na literatura, a figura feminina tanto como personagem, quanto como escritora, foi invisibilizada por uma cultura patriarcal. A inferiorização da mulher se pautava num enlace profundo entre produção discursiva e práticas de vida, tanto nos espaços familiares, quanto nos espaços públicos. A literatura do século XIX, realista e romântica, revela tais processos de inferiorização. O casamento ou a busca de, inclusive a sua impossibilidade, foi uma das marcas tanto do romantismo quanto do realismo. O modelo dúbio dos costumes morais, específico da sociedade patriarcal, possibilita ao homem a liberdade das ações sociais, enquanto às mulheres se reservam os serviços domésticos e as atividades da casa e criação dos filhos.

É neste período que Capitu, personagem machadiana de *Dom Casmurro* (1899), é uma figura paradigmática, na medida em que desconstrói, através de várias estratégias, sobretudo discursivas, o patriarcalismo e a inferiorização da mulher.

Ela se antecipa ao processo de apropriação do espaço feminino no mundo, assim, timidamente, as mulheres começam a ter o direito de nortear seus caminhos, mediante suas vontades e desejos, ainda com grandes consequências quando suas vontades não eram condizentes com o desejo de pais e maridos, Capitu acaba, ao fim do romance, sendo também ela mesma vítima de ousadia languageira.

Nosso objetivo neste artigo é demonstrar o enlace, “profético”, que a Capitu machadiana faz entre o trabalho imaterial, a produção de linguagem, de afeto e de subjetividade, com a crítica à invisibilização da mulher e a sua submissão ao patriarcalismo.

A ausência de estudos sobre a personagem machadiana Capitu na perspectiva de sua potência imaterial, intelectual e languageira, torna urgente pensar sobre sua produtividade imaterial, fundamento das sociedades capitalistas contemporâneas, as quais Capitu se antecipou; saindo do debate em torno da fidelidade/infidelidade ao casamento e ao esposo.

Sendo assim, encontramos em sua fala as características do trabalho imaterial, que anteciparam as transformações que as formas de trabalho e produção passariam em nosso tempo, isto é, trabalho que produz produtos imateriais: informação, conhecimento, ideias, imagens, relacionamentos e afetos. Porém, essas transformações

não mudam as formas do trabalho industrial que castigam o trabalhador, nem impedem que o trabalho agrícola faça parte da vida do homem, muito menos que tenha ocorrido uma diminuição dos trabalhadores industriais e agrícolas. Efetivamente, os trabalhadores comprometidos com o trabalho imaterial e sua produção compõem uma minoria dos trabalhadores em geral. O maior significado desta modificação das formas de trabalho é que as propriedades da produção imaterial não propendem apenas a modificar os outros moldes de trabalho, mas a modificar a sociedade em todas as suas esferas.

2. Trabalho imaterial

Os pobres e as minorias, de gênero, etnia e geração, são constantemente tratadas pela literatura a partir do trabalho material, muscular, braçal. *O cortiço*, de Aluísio de Azevedo, é sob este aspecto, emblemático. O trabalho material é caracterizado pela capacidade do indivíduo de produzir algo concreto e com rentabilidade, que proporcione ao mesmo tempo sua fonte de renda e na maioria das vezes de sua família.

Segundo Negri e Lazzarato, contudo, a produtividade contemporânea implica um novo tipo de trabalho, que envolve não só as faculdades musculares do operário, mas sua “alma”, sua produção discursiva, seus afetos, sua inteligência.

Com as transformações provenientes da revolução industrial tais processos ganham uma nova dimensão, o fordismo, que permite uma maior eficiência ao mesmo tempo em que retira do trabalhador a dimensão total do seu trabalho. Esta visão estática do trabalho foi sendo modificada, sobretudo na pós-modernidade, tanto dentro da teoria quanto na prática, e um novo modo de sobrevivência surgiu com uma importância maior dada à subjetividade do trabalho, o trabalho imaterial. Segundo Antônio Negri:

É a alma do operário que deve descer na oficina. É a sua personalidade, a sua subjetividade, que deve ser organizada e comandada. Qualidade e quantidade do trabalho são reorganizadas em torno de sua imaterialidade (LAZZARATO; NEGRI, 2001, p.15).

Ou, nas palavras de André Gorz,

Para subtrair uma parte de sua vida à aplicação integral no trabalho, os “trabalhadores do imaterial” dão às atividades lúdicas, esportivas, culturais e associativas, nas quais a produção de si é a própria finalidade, uma importância que enfim ultrapassa a do trabalho (GORZ, 2001, p.23).

Concretamente, não existem demarcações fixas que determine a distinção entre trabalho material e imaterial, sendo concomitante a existência de fragmentos do trabalho material no trabalho imaterial, da mesma forma que todo trabalho material necessita da atuação intelectual do trabalhador. Esse novo tipo de trabalho é aquele que não fabrica um produto sólido, mas tem como resultado um serviço, uma informação etc., desta forma, o trabalho imaterial não pode ser determinado por unidades de medida.

Compreendemos como trabalho imaterial o trabalho humano que é realizado resultando em algo útil, em um resultado útil, predominantemente imaterial, mesmo sendo necessário a intervenção de objetos materiais para que o trabalho seja realizado de com utilidade.

Sendo assim, o surgimento do capitalismo pós-industrial, para alguns chamado de capitalismo cognitivo, promoveu a ascensão da então nomenclatura “setor de serviços”, proporcionando setores de trabalhos cuja maior produção era resultado do trabalho imaterial: um serviço, uma informação, um bem cultural, dentre outros, sendo denominados bens intangíveis.

Assim, a subjetividade implicada no trabalho imaterial nos proporciona a capacidade de compreender a transformação e a descentralização do real significado da palavra trabalho, saindo da relação estreita entre produtividade e produção material, muscular, em que os grupos de trabalhos são separados por linhas de produção, objetivando a produção concreta do trabalho material; antes articulando-o à intelectualidade do trabalhador, à sua alma, conforme as palavras de Negri e Lazzarato (2001).

Desta forma, o conceito de ‘interface’, usado pelos sociólogos da comunicação, dá conta desta atividade do operário entre as diversas equipes, entre os níveis de hierarquia e entre a produção de bens “duráveis” e bens “linguareiros”.

A abordagem e a importância dada ao trabalho imaterial são relativamente recentes, podendo conduzir a enganos. O trabalho imaterial, sendo o motor da produção, não pode ser reduzido apenas aos serviços, mas ao uso da intelectualidade, da produção de subjetividade e de afetos do operário.

Ainda, segundo Negri e Lazzarato (2001), o trabalho imaterial evoca todas as forças da ciência e da natureza, bem como as condições coletivas e as relações sociais, com a finalidade de tornar a criação da riqueza (relativamente) independentemente do tempo de trabalho empregado nela.

Sob este aspecto, proporciona a desmitificação da relação produtividade/trabalho material como única forma de produção de riqueza, sugerindo que todos são produtivos, na medida em que todos são capazes de produzir linguagem, inclusive os pobres e os desempregados.

A formação do trabalho imaterial, que compõe independentemente o processo de subjetivação da mão de obra produtiva, estabelece sua relação com o capital, segundo André Gorz:

Era importante mostrar que esse trabalho imaterial, naquilo que tem de principal, não repousa sobre os conhecimentos desses prestadores e fornecedores. Antes de mais nada, ele repousa sobre as capacidades expressivas e cooperativas que não se pode ensinar, sobre uma vivacidade presente na utilização dos saberes e que faz parte da cultura do cotidiano (GORZ, 2001, p.19).

Este novo modelo de trabalho é baseado em indivíduos cada vez mais autônomos, trabalhando numa articulação complexa entre subjetividade e produção de riqueza, sendo determinados não por sua obediência cega ao capitalismo e, por extensão, à empresa, mas justamente pela potencialidade de quebrar as relações estreitas entre trabalho e corporeidade.

Os conceitos de trabalho imaterial e de “intelectualidade de massa” definem, portanto, não somente uma nova qualidade do trabalho e do prazer, mas também novas relações de poder e, por consequência, novos processos de subjetivação.

Essas redefinições modificam não apenas as relações trabalhistas. Da mesma forma, as relações de poder sofrem essas redefinições, que são de total importância para a emancipação do indivíduo intelectual que exerce a subjetividade e o trabalho imaterial: o trabalho que desnudou a forma de se obter trabalho e de praticá-lo, assim apresentando o intelectual à sociedade como um sujeito produtivo e de poderio constituinte. Ou, nas palavras de Marx, citado por André Gorz,

O valor encontra hoje sua fonte de na inteligência e na imaginação. O saber do indivíduo conta mais que o tempo da máquina. O homem, carregando consigo seu próprio capital, carrega igualmente uma parte do capital da empresa (MARX citado por GORZ, 2006, p. 16).

O trabalho instantâneo e sequencial, que valorizava apenas a quantidade produzida, perde o lugar resolutivo do valor de produção, pois o tempo da produção imaterial, independente de quantidade, prioriza uma temporalidade que deixa de seguir

os padrões preestabelecidos de forma retrógrada e escrava. Compreendemos, portanto, na referência a Marx, a valorização não apenas da instrução ou especialidade, mas do intelecto, da inovação e da criatividade.

O trabalho imaterial é observado dentro do capitalismo mediante duas vertentes teóricas. Na teoria marxiana é esboçado como produção social de valor e mais valia. Na teoria do trabalho imaterial, contrariamente, o mesmo é visto como forma de sobrelevação de determinações do capital nas realizações feitas por esta forma de trabalho, proporcionando valores gerados por essas atividades imateriais.

3. O século XIX das mulheres

Ao contemplar o passado, percebemos que a história das mulheres é definida pela sociedade patriarcal e por sua ordem discursiva. A educação da mulher, já durante a infância, se pautava na construção identitária de filhas e esposas obedientes e subservientes aos pais e conseqüentemente aos esposos, aprendendo logo cedo a cozinhar, bordar, costurar, dentre outras atividades “apenas femininas”, sendo, de toda maneira, impugnado o direito à educação escolar. Sempre tidas como figuras frágeis, assim, suscetíveis ao autoritarismo machista e patriarcal, a mulher, quando atingia a idade para construir o laço matrimonial, transferia esta dependência paterna ao esposo, desta forma, consignava toda sua vida adulta aos desejos e vontades do marido.

O sistema patriarcal era estimulado e definido por grupos sociais que determinavam a educação e era dado a religião o poder de determinar o comportamento aceitável para o século XIX. Sendo assim, à religião católica apostólica romana foi responsável pelas aplicações sociais que delimitaram os direitos e desejos das mulheres, concretizando esta submissão feminina, reduzindo-as ao recinto do lar e tornando legítimo e até sagrado o poderio masculino:

O mundo sempre pertenceu aos machos. Já verificamos que quando duas categorias humanas se acham presentes, cada uma delas quer impor à outra sua soberania; quando ambas estão em estado de sustentar a reivindicação, cria-se entre elas, seja na hostilidade, seja na amizade, sempre na tensão, uma relação de reciprocidade. Se uma delas é privilegiada, ela domina a outra e tudo faz para mantê-la na opressão. Compreende-se, pois, que o homem tenha tido vontade de dominar a mulher (BEAUVOIR, 2009, p. 99).

Segundo Stein, no século XIX a mulher possuía duas maneiras de viver honestamente diante da sociedade, o celibato ou o matrimônio. Contudo, ainda que visto com bons olhos diante da sociedade, uma mulher que se doava a vida religiosa era vista como:

Solteirona, isso implicava um desprestígio, o que aliás é compreensível numa sociedade expressamente interessada numa ordem baseada na estrutura casamento/família. No Brasil colonial, era comum que famílias enviassem suas filhas as instituições religiosas quando não encontrassem casamento condizente com sua posição social. Era uma maneira de preservar a honra da menina e oferecer-lhe uma vida considerada dignificante. Alguns pais e maridos usaram também o convento como uma espécie de casa correção para mulheres de conduta moral indesejada. (STEIN, 1984, p. 31)

Quanto ao matrimônio, o veredito era determinado pelos pais, sendo esses casamentos, realizados com moças muito jovens, com treze ou catorze anos. “Quando as mesmas completavam 20 anos, eram destacadas como solteironas. A vontade da menina era secundária.” (STEIN, 1984, p. 31)

Mesmo com tantas transformações que o século 19 operava, como a solidificação do capitalismo e a ascensão da burguesia, os espaços denominados adequados às mulheres eram os domésticos, que possibilitavam a educação opressora e patriarcal para que se tornassem ideais ao padrão determinado de contraírem o matrimônio e o “papel abençoado” de serem mães.

Segundo Fazzolari, a igreja desempenhava, nesta ordem discursiva, a função de normatizar os valores éticos que deveriam nortear a conduta das mulheres:

Amar o marido e respeitá-lo como seu chefe, adverti-lo com discrição e prudência: calar quando o vir irritado; tolerar com paciência seus defeitos, ser prudente e mansa, paciente e carinhosa com toda a família. E suas qualidades reconhecidas eram a pureza, a benevolência, a paciência, a doçura, a dedicação, o pudor e a modéstia (FAZZOLARI, 2009, p. 52).

Sabemos que a linguagem é uma das principais instâncias de exercício do poder. Como a mulher não tinha o direito a falar a “sua própria língua”, a língua dos seus desejos e de suas demandas, convivia diariamente com a “ditadura” patriarcal, matrimonial e religiosa.

Encontramos no discurso patriarcal uma mulher prendada, cujos afazeres domésticos designavam, apenas, sua capacidade de ser uma boa esposa e companheira, sua educação não deveria passar da maneira elegante de se portar nos ambientes familiares e públicos, sempre acompanhada do seu marido. Assim, se em algum momento fosse observado em seu comportamento alguma habilidade intelectual, era interpretada de forma negativa e vulgar, envergonhando seu pai, esposo e filhos. Como afirma Beauvoir:

É uma relação negativa que a mulher torna o homem produtivo na idealidade... Relações negativas com a mulher podem tornar-nos infinitos... Relações positivas com a mulher tornam o homem finito nas mais amplas proporções. Isso significa que a mulher é necessária na medida em que permanece uma Ideia em que o homem projeta sua própria transcendência; mas que é nefasta enquanto realidade objetiva, existindo por si e limitada a si. (BEAUVOIR, 2009, p.230).

Desta forma é assumida a importância da figura feminina tanto na vida dos maridos como na sociedade, mediante as delimitações impostas por ambos. Sociedade em que os casais passavam imagens que não condiziam com a realidade vivida, em que as mulheres na sua maioria, mantinham as aparências, escondendo suas vontades, desejos e frustrações, ou escolhendo, como forma de refúgio, manter uma vida dúbia, fora do âmbito familiar e dominador do patriarcalismo, só assim podendo manifestar suas ânsias e desejos mais secretos.

4. O Trabalho imaterial de Capitu

O conceito tradicional de trabalho só vê produtividade no trabalho material, que produz bens duráveis e palpáveis. Capitu, na sua condição de mulher muito à frente do seu tempo, só é analisada a partir de sua relação com a sociedade patriarcal, ou seja, com o casamento e o marido, pensamento este que podemos corroborar com a análise das personagens femininas de Machado de Assis que encontravam no casamento a única possibilidade de mudança de seu status social. O próprio nome da personagem, Capitulina, que significa “dissimular”, demonstra o viés autoritário do narrador,

reiterando a negatividade preconceituosa contra a mulher que pensa, que reflete, que articula, que “capitula”.

Ao apresentar a personagem, o narrador descreve sua forma de ver e conceituar Capitu, afinal, ao descrevê-la, exibe uma imagem questionável a respeito dela. Carregada de estratégias discursivas, elas mesmo dissimuladoras, ensombreadas, o narrador procurava convencer os leitores de que Capitu era verdadeiramente ardilosa e dissimulada, ao tempo em que mostra, contra sua própria vontade, sua potência linguageira. Assim, afirma o marido-narrador: ”Capitu era Capitu, isto é, uma criatura mui particular, mais mulher do que eu era homem.” (MACHADO DE ASSIS, 2004, p. 54). Afirmando sua inferioridade como homem, Bentinho admite que Capitu toma o seu lugar em situações nas quais, ele, Bentinho, deveria exercer sua altivez masculina.

Sobre Capitu, afirma Ribeiro:

O estereótipo de Capitu como mulher independente e ativa diante dos códigos sociais de sua época planifica a personagem a ponto de esperarem dela as atitudes que de fato toma. Capitu torna-se mais complexa, no entanto, se comparada a Bentinho e ao seu “alter ego” narrador, Dom Casmurro, transcende a figura da mulher moderna: passamos a torcer por ela, mesmo sem saber direito o que ela fez ou não (RIBEIRO, 2008, p.57).

Ou:

O esforço sentido de construir um perfil, este sim, sinuoso. Ela tem não só ideias atrevidas, aos 14 anos, tê-las-a, muito mais atrevida, mais tarde. E francamente, é genial a ideia que passa do atrevimento teórico e da habilidade prática. Os adjetivos hábil, sinuoso e surdo delineiam um estilo de atuação minilista e de uma competência de profissional. A Capitu de mais tarde já está aí, em potencial e quase pronta (RIBEIRO, 2008, p. 234).

A audácia de Capitu ganha extensões cada vez maiores com o passar dos anos e a personagem machadiana vai se tornando mulher, assumindo seu papel de protagonista que antecipava a resistência e as mudanças em um contexto novo que já se anunciava.

O trabalho imaterial com a linguagem de Capitu permite que ela negocie, na medida do possível, sua opinião sobre as coisas, além de suas demandas de subjetividade, afeto e forma de vida.

Encarada positivamente, como se pretende aqui, “Capitulina” nos dá a dimensão da autenticidade da sua personalidade, que desde criança usou a sua capacidade de negociar, falar, conversar, dialogar com todos para diminuir as consequências autoritárias de um futuro definido *a priori* por uma sociedade patriarcal. É através da

linguagem que Capitu corrói por dentro a ordem discursiva patriarcal, tornando-se detentora, ao menos num plano utópico, de seu próprio discurso.

Capitu de forma clara representa o trabalho imaterial dentro da obra de Machado de Assis, demonstrando a força da personagem feminina, que mesmo vivendo em um século no qual a sociedade era predominantemente patriarcal, criou estratégias discursivas, de trabalho imaterial, para dar vazão a sua singularidade e a seus processos de construção de subjetividade.

Não podia tirar os olhos daquela criatura de quatorze anos, alta, forte e cheia, apertada em um vestido de chita, meio desbotado. Os cabelos grossos, feitos em duas tranças, com as pontas atadas uma à outra, à moda do tempo, desciam-lhe pelas costas. Morena, olhos claros e grandes, nariz reto e comprido, tinha a boca fina e o queixo largo. As mãos a respeito de alguns ofícios rudes, eram curadas com amor; não cheiravam a sabões finos nem águas de toucador, mas com água de poço e sabão comum trazia-as sem mácula. Calçava sapatos de duraque, rasos e velhos, a que ela mesma dera alguns pontos. (ASSIS,2007, p.29/30)

Na representação física que o autor faz da personagem, começamos a vê-la como uma menina diferente das outras, que mesmo vivendo uma situação social subalterna à aristocracia dominante, já exala força, determinação e altivez, que provoca no narrador personagem Bentinho, durante toda a obra, certa indecidibilidade, pairando em sua imaginação e subconsciente um certo mistério, o mistério daqueles olhos juvenis:

--- Dê cá, deixe escrever uma coisa. Capitu olhou para mim, mas de um modo que me fez lembrar a definição de José Dias, oblíquo e dissimulado; levantou o olhar, sem levantar os olhos. A voz, um tanto sumida, perguntou-me:
 — Diga-me uma coisa, mas fale verdade, não quero disfarce; há de responder com o coração na mão.
 — Que é? Diga.
 — Se você tivesse de escolher entre mim e sua mãe, a quem é que escolhia?
 — Eu? Fez-me sinal que sim.
 — Eu escolhia...mas para que escolher? Mamãe não é capaz de me perguntar isso.
 — Pois sim, mas eu pergunto. Suponha você que está no seminário e recebe a notícia de que eu vou morrer...
 — Não diga isso!
 —...ou que me mato de saudades, se você não vier logo, e sua mãe não quiser que você venha, diga-me, você vem?
 — Venho.
 — Contra a ordem de sua mãe?
 — Contra a ordem de mamãe.
 — Você deixa seminário, deixa sua mãe, deixa tudo, para me ver morrer?

— Não fale em morrer, Capitu! Capitu teve um risinho descorado e incrédulo, e com a taquara escreveu uma palavra no chão, inclinei-me e li: mentiroso. (ASSIS, 2008, p.36)

A partir da leitura deste trecho, a famosa descrição dos olhos e do olhar de Capitu, também transparece a concepção do narrador sobre o caráter da personagem, invisibilizando a capacidade da personagem de refazer as situações através de seu trabalho imaterial com a linguagem, dando vazão exclusivamente a uma leitura negativa baseada não só no ciúme, mas sobretudo moldada pela ordem discursiva patriarcal. É preocupante em tudo isso o modo como a crítica, a grande crítica machadiana, de certo modo reiterou e tem reiterado tal discurso, o do narrador e da ordem patriarcal, na medida em que mesmo quando supera o tema da traição, permanece presa nas relações familiares, não dando vazão ao fato de que o trabalho imaterial de Capitu excede, e muito, as relações exclusivamente familiares, sendo mais pertinente articulá-la às transformações nas esferas do trabalho e nos papéis sociais das mulheres na mudança de uma tal esfera.

É interessante acompanhar o que diz o narrador sobre o modo como Capitu recebe a notícia da ida de Bentinho para o seminário:

Capitu não parecia crer nem descreer, não parecia se quer ouvir; era uma figura de pau. Quis chamá-la, sacudi-la, mas faltou-me ânimo. Essa criatura que brincara comigo, que pulara, dançara, creio até que dormira comigo, deixava-me agora com os braços atados e medrosos. Enfim, tornou a si, mas tinha a cara lívida e rompeu nestas palavras furiosas: ---Beata! Carola! Papa missas! [...] Fiquei aturdido, Capitu gostava tanto de minha mãe e minha mãe dela que eu não podia entender tamanha explosão.[...] Quis defendê-la, mas Capitu não me deixou continuou a chamar-lhe beata e carola, em voz tão alta que tive medo fosse ouvida dos pais. Nunca a vi tão irritada como então; parecia disposta a dizer tudo a todos. Cerrava os dentes, abanava a cabeça... (MACHADO DE ASSIS, 2004, p. 34-35)

Mesmo acometida de revolta, características de uma adolescente, Capitu tenta de todas as formas manter-se sóbria com o controle da situação. Desta forma, a personagem inicia a execução do plano, que viria a impedir que Bentinho fosse para o seminário, não obstante o narrador sempre faz alusão às características pejorativas do comportamento de Capitu.

Através do seu poder de negociar, modificou seu futuro, pelo menos em parte, e engendrou novas possibilidades para a vida não só de Bentinho, mas de todos em sua volta:

Capitu era naturalmente o anjo da Escritura. A verdade é que minha mãe não podia tê-la agora longe de si. A afeição crescente era manifesta por atos extraordinários. Capitu passou a ser a flor da casa, o sol das manhãs, o frescor das tardes, a lua das noites; lá vivia horas e horas, ouvindo, falando e cantando. Minha mãe palpava-lhe o coração, revolvía-lhe os olhos, e o meu nome era entre ambas como a senha da vida futura. (ASSIS, 2008, p.76)

A figura que poderia problematizar os desejos de Capitu era a mãe do protagonista narrador, mas ela lida com várias instâncias discursivas para demover D. Glória de projetos que prejudicavam a ambos, assumindo e desfazendo por dentro, laboriosamente, com a lentidão e a perspicácia dos sábios o discurso religioso, cujo trabalho projeta uma realidade social diferente da que fazia parte, revelando sua capacidade de estabelecer linhas flexíveis que modificaram sua condição social.

Assim, consideramos que a personagem é a força ou verdadeiramente a ação da história, mesmo que não tenha voz na obra, sempre vista com os olhos do narrador, Capitu destaca-se mais que Bentinho, à medida que se torna mais evidente no texto por sua habilidade de conseguir mais do que aquilo que lhe era consentido.

A personagem não possuía a oportunidade de dispor da palavra ou mais precisamente a voz na obra, entretanto mesmo nessas condições, todo o enredo desenvolve-se em torno de Capitu, o que levou Augusto Meyer a afirmar que “Dom Casmurro é o livro de Capitu” (MEYER, 1986, p. 219). Ou seja, o narrador possui a palavra, mas quem possui a força da linguagem que proporciona o domínio das situações, mesmo quando se cala, é Capitu, seu trabalho imaterial.

5. Considerações finais

Entendemos Capitu como uma personagem paradigmática: simboliza o empoderamento feminino em uma sociedade determinantemente patriarcal e conservadora. Como tantas outras mulheres que fizeram parte de seu tempo, não teve como determinação para sua vida a subordinação social.

Fez uso da sua capacidade linguageira para se colocar nos lugares devidos de uma perspectiva ética e democrática, através de uma prática de trabalho imaterial, forma de usar sua linguagem como produto transformador da sua relação de poder com a sociedade em que estava inserida.

Assim sendo, Capitu não é só transgressora, porém, deve ser vista como uma personagem que luta por produzir sua própria subjetividade, seus próprios desejos, seus

próprios afetos, sua singularidade, afinal, seu trabalho imaterial, refletido em sua linguagem, nos convida a repensar os processos de subalternização que acometiam as mulheres da sua época.

Abstract:

The premise of this article is that the work with the language of Capitu, a Machado's character, anticipates the new relations of production in contemporary capitalism, called by many of its analysts of 'cognitive capitalism', in which no more are dissociated technical knowledge and the production of Affections, discourses and information flows, material labor and immaterial labor. Machado builds the language of Capitu through the practice of immaterial work as a critical modus operandi, deconstructor of patriarchal relations in nineteenth-century Brazil. The character becomes a reference for the construction of the questioning woman of her inferiorized condition, subjecting the patriarchal discourse to a constant split, through her ability to negotiate, convince, influence, dissuade her interlocutors and the main discursive order. Initially, we sought to observe the link between the contemporary changes that lead to the so-called cognitive capitalism with the social roles reserved to women in the last century, in order to show how Capitu is situated in its time from an outside, a non-place . Finally we analyze several moments of the Machado novel in which Capitu engenders his immaterial work as a rupture of class and gender, in Brazil of the Nineteenth Century and the next.

Keywords: *Capitu; Cognitive capitalism; Intangible Work; Patriarchy.*

Referências

ASSIS, Machado de. **Dom Casmurro**. S.ed. São Paulo: Saraiva, 2008.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. Tradução Sergio Milliet. 2.Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

FERNANDES, Paulo Sérgio, *et al.* Análise sobre as personagens femininas das obras machadianas. **Revista Científica do Unisalesiano** – Lins – SP, ano 2, n.5, Edição Especial, outubro 2011. p. 461-465.

GORZ, Andre. **O imaterial: conhecimento, valor e capital**. Tradução de Celso Azzan Júnior. São Paulo: Annablume, 2005.

JESUS, Selmira Silva de, *et al.* Submissão x autonomia: mulheres machadianas – vozes embargadas? Nem tanto. **Anais do III SEPEXLE 2012 - Seminário de Pesquisa e Extensão em Letras**. Universidade Estadual de Santa Cruz – Bahia.

LAZZARATO, M.; NEGRI, A. **Trabalho Imaterial: Formas de Vida e Produção de subjetividade**. Tradução Mônica Jesus. 3.Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

MEYER, Augusto. **Capitu In: Textos Críticos**. São Paulo: Perspectiva, 1986.

LEMAIRE, Ria. **Repensando a história literária**. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). **Tendências e impasses. O feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 58-70.

RIBEIRO, Luis Felipe. **Mulheres de Papel**. Um estudo do imaginário em José de Alencar e Machado de Assis. 2.Ed. Rio de Janeiro: Florence Universitário: Fundação Biblioteca Nacional, 2008.